

Valor

EU &

FIM DE SEMANA



A FORÇA DOS DESCONTENTES

Eleição na França pode mudar o futuro da Europa, que assiste ao avanço do populismo e ao aumento da insatisfação com a globalização e as crises econômica e migratória

Nas garras do poder soviético

Autor faz retrato romanceado de Shostakovich. Por **Marina Della Valle**, para o Valor

"O Ruído do Tempo"

Julian Barnes

Trad.: Léa Viveiros de Castro

Rocco, 176 págs., R\$ 29,50 **AA+**



Na calada da noite, com uma maleta pronta, um homem fuma diante do elevador, esperando ser preso. Ele é o compositor russo Dmitri

Shostakovich (1906-1975); seus algozes, os representantes do Poder, grafado no livro assim, em maiúscula — o violento governo de Stálin. A ameaça não se concretiza, e depois de algumas noites o compositor volta a dormir dentro de casa, mas sua vida jamais será livre da tensão daquele saguão.

Esse é o tom da biografia romanceada de Shostakovich desenhada pelo inglês Julian Barnes em "O Ruído do Tempo": opressão, medo, incerteza e resignação, ainda que jamais pacificada. A narrativa é estruturada em torno de três encontros do compositor com o Poder, ou seja, o governo soviético e seu aparato de repressão.

A primeira grande desventura de Shostakovich se deu em 1936, em meio ao Grande Expurgo, movimento de perseguição violenta de Stálin contra seus opositores políticos. Aos 31 anos, já era um compositor de grande sucesso. Aclamada anteriormente em diversos países, sua ópera "Lady Macbeth de Mtsensk" foi apresentada no Bolshoi. No camarote do governo, figurões conversavam com alguém escondido pela cortina — teoricamente, Stálin. Antes do início do quarto ato, o camarote estava vazio.

Dias depois, o "Pravda" trazia uma crítica acusando-o, entre outras coisas, de não levar em conta "o que o povo soviético deseja e espera da música". Era o suficiente para condená-lo. Apresentou-se para ser interrogado e passou a esperar, diante do elevador, sua prisão, o que jamais



CHRISTIAN CHARISIUS/AP

Em "O Ruído do Tempo", Julian Barnes cria um Shostakovich amargo e plausível

ocorreu. Enquanto isso, familiares, amigos e conhecidos desapareciam.

Mas o Poder não atacava apenas engavetando obras, perseguindo e retirando privilégios. Sua força e humilhação se faz sentir também em supostas honrarias. O segundo embate do livro se dá quando Stálin obriga Shostakovich a participar de uma delegação soviética em viagem aos EUA, onde é humilhado ao ter de concordar, em público, com o banimento de certas obras na União Soviética e o discurso pronto que tivera de proferir condenando Igor Stravinski, a quem admirava. No terceiro encontro com o Poder, já sob Nikita Khrushchev, é obrigado a ingressar no Partido Comunista para ser nomeado presidente da União dos Compositores.

Não é a primeira vez que Barnes — vencedor do Man Booker Prize com "O

Sentido de um Fim" (2011) — lança mão do expediente de romancear fatos biográficos, elemento presente de modo mais experimental em "O Papagaio de Flaubert" (1984) e "Arthur & George" (2005).

Em "O Ruído do Tempo", ele aparece de modo mais convencional, construindo, em recordações e pensamentos fragmentários, um Shostakovich amargo, sufocado, ao mesmo tempo resiliente e alquebrado — e plausível. Ao filosofar sobre sua suposta covardia, pensa que ser herói é mais fácil — "só precisava ser corajoso por um instante", matando "o tirano e a si mesmo também". Já a covardia era mais árdua — "embarcar numa carreira que durava toda a vida. Nunca poderia relaxar". E o Shostakovich de Barnes jamais relaxa, à mercê das patadas do Poder.

"Harém"

Eugenia Zerbini

Patuá

150 págs., R\$ 38 **BBB**



A paulistana Eugenia Zerbini, que conquistou o prêmio Sesc de Literatura em 2005 com o romance "As Netas da Ema" (Record), reúne

neste livro contos organizados em seções de acordo com os habitantes de um harém: odaliscas, eunucos e sultão. A maioria dos contos (15 dos 18 do livro) diz respeito às odaliscas, com narrativas sobre mulheres em diferentes idades, situações e épocas, de Juliana de Souza Mascarenhas — mulher de Tomás Antônio Gonzaga, furiosa ao descobrir as líras de amor de Dirceu a Marília, em "Juliana (Ou a Esposa e a Outra)" —, passando pela relação curiosa entre tia e sobrinha de "Encontro com o Diabo", até a delicadeza sombria de "Luciferina" e seu mito de origem particular.

"Ai! Que Preguiça!..."

Rodolfo Witzig Guttilla

Companhia das Letras

72 págs., R\$ 27,90 **BBB**



O poeta e antropólogo Rodolfo Witzig Guttilla, autor de "Uns e Outros Poemas - 1985-2005" e organizador da bela coletânea de

haicais "Boa Companhia", desenvolve em "Ai! Que Preguiça!..." uma espécie de história do Brasil, do Descobrimento aos protestos recentes, em poemas leves e quase sempre bem-humorados, ainda que por vezes o episódio retratado seja trágico. Ilustrado por Fido Nesti, o livro traz como título a célebre frase de Macunaíma, o herói de Mário de Andrade, e tem como inspiração inicial "Novas Cartas Chilenas", do poeta e tradutor José Paulo Paes. Seus poemas dialogam com uma série de obras — de documentos históricos a canções — resultando em um livro surpreendente. ■